

As prioridades do eleitorado

DEFENDER o emprego, em primeiro lugar; e defender os salários contra a inflação, em segundo lugar: são as duas prioridades da maioria do eleitorado brasileiro (com índices de 51 e 49 por cento, respectivamente), segundo a mais recente pesquisa do Ibope. E, prioridades do eleitorado, deveriam elas passar imediatamente a prioridades reais dos candidatos à Presidência da República, já que o voto popular é por um papel a ser cumprido, mais que por um indivíduo ou pessoa.

SENSATO e sábio, esse eleitorado brasileiro; e a mais não se poder desejar: ele mostra saber muito bem votar, ao indicar aos candidatos o que deve ser sua proposta de exercício do poder. Pode ele se enganar na escolha das pessoas; mas não se engana quanto ao sentido e função do voto, quanto à delegação feita da soberania popular: o eleitorado espera um governo a perseguir o ideal do pleno emprego e a proteger os salários, preço do trabalho, contra a inflação.

O ELEITORADO não quer favores do Estado. E isso descarta as plataformas de tônica clientelista ou populista que o amesquinhem, por tratá-lo como se fora um menor, ou dependente. Tudo o que o eleitorado pede

do Estado é acatamento à própria dignidade — a dignidade da pessoa humana, que se realiza através do trabalho. Tudo o que espera do Estado são condições para que essa potencialidade se fortaleça: o emprego produtivo, de onde brota a prova de capacidade de trabalho.

EXPLICA-SE por que, na pesquisa do Ibope, a preocupação com o desemprego vem antes da preocupação com a própria saúde (46%), a educação (41%), a segurança (20%) e a habitação (14%): o emprego permite à pessoa o acesso e a legítima propriedade sobre os demais bens. Com o emprego suficientemente valorizado, cedo não haverá como ficar devendo a quem quer que seja o benefício da saúde, da alimentação, da educação, da segurança e da habitação: tudo será contrapartida da contribuição prestada à produção. A pesquisa do Ibope permite até uma ilação: o eleitorado prefere ver a assistência do Estado concentrada mais sobre os que não podem prover a si próprios — as crianças, os incapazes, os inválidos; e certamente é a maneira de a tornar mais eficiente e válida.

QUANTO à preocupação com a inflação, releva notar que ela é sensivelmente maior entre os de mais baixo nível de instru-

ção (53%) do que entre os de formação média e superior (43% e 39%, respectivamente); e ainda entre os eleitores mais jovens, ou seja os quase recém-ingressados no mercado de trabalho. É que a inflação deixou de ser tema para doutos e iniciados, na mesma medida em que se fez realidade a metáfora repetida por aqueles: a inflação é um confisco; ela é o mais iníquo dos impostos. O povo pede agora aquilo de que governos e candidatos parecem tragicamente esquecidos: proteger contra a inflação o mais nobre e mais fundamental dos ativos da Nação — o trabalho e seu valor.

ESTÁ A dizer relativamente pouco ao povo o discurso político sobre a dívida externa, sobre igualdade social e até mesmo sobre corrupção governamental. O povo sente que é diversionismo aplicar-se ao que está remoto ou ao que se tornou crônico, se está aí, aos olhos de todos, o imediato e o crítico: o povo sabe que nenhum desses problemas merece mais atenção do que ele próprio, povo. E confia mesmo em que, por si ou por outrem, será capaz de resolvê-los, desde que se comece a lhe restituir a dignidade: a dignidade do trabalho e a dignidade do salário, a se eclipsarem sob o duplo efeito da recessão e da inflação.